



Do “eu penso” da Ciência Moderna à consciência possível na Ciência da Informação: uma relação possível sob a égide da responsabilidade social da informação

From Modern Science to possible consciousness in Information Science: a relationship under the social responsibility of information

Luiz Eduardo Ferreira da Silva 

Doutor em Ciência da Informação

Universidade Federal da Paraíba

luizeduardo.ufpb@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa investiga o contexto social da informação porque, com o advento da ciência moderna, o sujeito cognoscente rompeu com o saber “sacralizado” da antiga Idade Média constituído pela igreja e por seu caráter teológico. Aponta que a ciência moderna trouxe o conceito de racionalidade do indivíduo e sua relação de intersubjetividade ancorada. Desse modo, a ciência moderna propiciou novas conjecturas para se pensar sobre a humanidade, interpretando suas necessidades, principalmente, nesse contexto racional. Nesse sentido, a pesquisa compreende o contexto da responsabilidade social da informação com base na ciência moderna e na consciência possível por meio de regimes de informação apresentados por Isa Freire (2001). Conclui-se que, por mais que a ciência moderna e a consciência possível estejam separadas pelas cronologias e por significados conceituais, ambas têm uma convergência, sobretudo, no que diz respeito aos “intersujeitos/usuários” da informação e à relação social que ela desempenha na atual realidade da Ciência da Informação.

Palavras-chave

Ciência da Informação. Ciência moderna. Consciência possível. Intersujeito/usuário. Responsabilidade social.

Abstract

Investigates the social context of information, since from the modern science the knower breaks the know "sacralized" the old average age constituted by the church and its theological character. It points out that modern science has brought the individual rationality concept and its anchored intersubjetividade relationship. Thus, modern science has provided new conjectures of thinking humanity, interpreting their needs, especially for this rational context. In this sense, the research is to understand the context of social responsibility information from modern science and awareness possible by information systems presented by Isa Freire (2001). It follows that modern science and consciousness possible for more that are separated by chronologies and conceptual meanings, both have convergence, especially when we think of "inter-subject / users' information and social relationship it plays in today's reality Science information.

Keywords

Information Science. Modern science. Awareness possible. Intersubject/user social responsibility.



DOI: [10.28998/cirev.2019v6n3a](https://doi.org/10.28998/cirev.2019v6n3a)

Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Submetido em: 27/09/2018

Aceito em: 29/10/2019

Publicado em: 07/01/2020

1 INTRODUÇÃO

A humanidade evolui de acordo com suas necessidades e seus desejos. Nesse sentido, o homem sempre buscou compreender seu contexto como um “ser cognoscível”, procurando respostas para sua atuação nas mais diversas temporalidades. O que move esse homem é a aspiração por descobertas, pela quebra das incertezas estipuladas por sua condição de indivíduo.

O mundo sempre foi um lugar de “descobrimento” e de mudança pressurosa, onde essa transformação se intensificou por meio da “razão”, isto é, da racionalidade, que rompeu com o saber considerado como inquestionável e inalienável, que é o saber teológico da Idade Média - o da Igreja.

Na contemporaneidade, a ciência moderna está vinculada a uma objetividade pré-determinada, difícil de ser dissociada do viés do século XVI de Bacon e Descartes, isto é, de uma visão de ciência basicamente instrumentalista, por meio da experiência da natureza ou dos cosmos. “Para o homem moderno, cioso de uma objetividade que o levasse a compreender os fenômenos e as leis que constituem o cosmos, era fundamental a experiência da natureza e descobrir suas leis através de um método eficiente – o método experimental.” (ZAMBIASI, 2006, p. 70). Então, a ciência moderna queria fazer surgir uma “nova” ordem científica a partir dessas leis racionais. Com essa perspectiva, o conhecimento científico passou a ser confiável, rigoroso, testável e comprovado pela objetividade científica. Como exposto, a ciência moderna configura-se como um modelo em que a ideia de “[...] postura científica ou doutrinária ganhou uma proporção extraordinária em sua relação com a natureza e a construção do conhecimento.” (ZAMBIASI, 2006).

Nesse sentido, a queda de Constantinopla foi um fator primordial, sobretudo, para a formação de uma sociedade capitalista. Em relação a esse aspecto, nos séculos XVI e XVIII, com a ascensão burguesa, a ciência ganhou outro patamar, isto é, os processos de quantificação e os falseamentos empíricos são suas marcas. Com o advento da Idade Moderna, a racionalidade do conhecimento deixou de ser fundamentada na religiosidade da Idade Média e passou a ser condicionada pelas ciências naturais, ou seja, pelo rigor científico. Desse modo, a ciência moderna influenciou diferentes áreas do conhecimento, uma delas, a Ciência da Informação. “É muito comum encontrar nas práticas científicas contemporâneas das ciências sociais aplicadas, incluindo a Ciência da Informação, pesquisas que primam pela objetividade, pela quantificação e pela experimentação, visando sua comprovação e validação.” (SILVA; FREIRE, 2013, p. 101). Assim, existe uma relação preeminente da ciência moderna com a Ciência da Informação que influencia diretamente alguns modelos de pesquisa.

Por conseguinte, a relação da consciência possível proposta por Isa Freire (2001) com a ciência moderna coaduna-se com o que denominamos de “*intersujeito/usuário*”, em que, por meio da consciência possível, o indivíduo é categorizado como partícipe do processo de organização e recuperação da informação, o que torna esse processo um viés de responsabilidade social que interessará ao “*intersujeito/usuário*” com o auxílio da Ciência da Informação como mediadora dessa função social da informação.

2 A RACIONALIDADE MODERNA: PROCURANDO “SOLUÇÕES” PARA UM SENTIDO PLENO DA EXISTÊNCIA HUMANA

Em um tempo em que os fatores se explicavam de forma sobrenatural, dogmatizada e inviolável, era complicado encontrar outro meio de explicar a existência humana. Durante

muito tempo, o saber foi restrito a uma parcela mínima de pessoas, “senhores/inquisicionais” monges, padres e bispos. Dessa forma, é que o saber era representado na antiga Idade Média com seus dogmas.

O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVIII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes. A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna, mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não-científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos). (SANTOS, 1988, p. 20-21).

A ciência moderna, com raiz na filosofia clássica de Platão e de Aristóteles, traz o sentido do questionamento e da razão, a qual começou a se consolidar no século XVI, com Bacon e Descartes, que, por meio das ciências naturais, instrumentalizaram o fazer científico. A idade moderna rompeu com esse saber que se monopolizava como a fé, que ditava a regra da existência humana. Para Silva (2011, p. 28), “A ciência moderna emerge em um contexto muito peculiar, de contraponto entre um modelo que predominava e que detinha uma explicação para a existência das coisas e dos sujeitos.”. Assim,

As ciências modernas, finalmente, permitem explicações nomológicas¹ e justificações práticas, com o auxílio de teorias e construções passíveis de revisão e controladas com base na experiência. “O progresso das ciências modernas e o avanço da formação de vontades político-morais *não são mais prejudicados por uma ordem certamente fundamentada*, mas colocada como absoluta.” (HABERMAS, 1983, p. 19, grifo nosso).

Habermas (1983) chama a atenção para o rompimento da antiga ordem doutrinária fundamentada em visões restritas na relação dicotômica entre conhecer e explicar. De todo modo, a ciência moderna vem acompanhada de rupturas epistemológicas.

A ciência moderna se renderá a uma racionalidade, a um pragmatismo que formaliza a busca constante por novos meios de integração social, um saber prático-moral, em que o homem consiga observar seus próprios limites cognoscente. Nessa ciência estipulada e difundida como moderna as formas do conhecer ganham contornos através da especialização, ocorrendo uma dicotomia bem determinada entre a rigorosidade/restrrição, tornado uma disciplinização dos meios de se pensar a ciência. (SILVA, 2011, p. 29).

Por seu turno, a ciência moderna passou a compreender outra forma de equacionar e de reformular as incertezas existenciais dos sujeitos. Então, a preocupação deixou de ser com o *porquê* dos acontecimentos e de sua “aceitação passional” dos fenômenos dogmatizados pela fé suprema sacramentada e, através das racionalidades, passou a ser a busca pelas experiências ou por saber *como* os fenômenos acontecem e com a experiência empírica, ou seja, o ver para crer.

¹ Ao proferir esse termo, o autor buscou compreender que a ciência moderna criou normatizações técnicas para explicar os fenômenos naturais.

Para evidenciar a tipificação científica que caracteriza essencialmente a Ciência Moderna, é preciso enfatizá-la a partir das ciências naturais. Associada à discussão sobre ciência, em qualquer período histórico, faz-se necessário trazer para o diálogo também a noção terminológica do termo paradigma, visando auxiliar no debate sobre ciências naturais no seio da Idade Moderna. (SILVA; FREIRE, 2013, p. 99)

Nesse contexto, a modernidade é condicionada à busca do novo, das novas descobertas promovidas pelos sujeitos, porque a razão da filosofia clássica e da própria ciência moderna irá se dividir em racionalidades. Essa nova estrutura da razão caminha por um percurso de historicidade, da contradição e do questionamento, já que o homem quer entender sua existência a partir das próprias ações como um ser cognoscível que cria, vive, interpreta, forma, problematiza e indaga sua condição de intersujeito, seus *fazer* e *não fazer* e sua evolução social e temporal, que é propiciada por sua condição existencial e racional.

A experiência da contingência humana transforma-se na potência do indivíduo responsável de si mesmo e de seus atos (liberdade moral). O homem cartesiano, que leva em seu voluntarismo as marcas da *voluntas dei* absoluta, é quase um substituto da criação, artesão metafísico que tem dentro de si os princípios do real (as idéias claras e distintas e os critérios de reconhecimento do verdadeiro (certeza e evidência). No “eu penso” do individualismo gnosiológico cartesiano, juntam-se o sujeito da vontade eficaz e a representação com seu exercício de eficácia racional, pois a consciência do conhecer como representar é a expressão de uma experiência organizada e organizadora que lança sobre o mundo as malhas reguladoras de suas idéias-significados. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1993, p. 3).

A aproximação entre a ciência moderna e a consciência possível poderá ser pensada na própria evolução cronológica dos conceitos, uma vez que não podemos negar que a modernidade² iniciou um novo sentido para a existência do “ser”, racionalizado e categorizado pelo entremeio da *razão*.

As formas de participação e de comunhão com o real e suas profundezas são substituídas por uma experiência da contingência, que coloca *o homem como condição e como limite de tudo o que é dado*. Ele está no cerne da definição do que seja a origem e suas derivações. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1993, p. 3). (grifo nosso)

De fato, a partir desse “homem moderno”, a humanidade ganhou outra vertente, outro olhar, e passou a estabelecer esse elo com a função social da informação pensada por Freire (2001). Com a racionalidade da antiguidade clássica, que foi consolidada na modernidade, o homem apareceu com esse limite do que lhe é oferecido, estabelecendo relações aproximativas ou não.

Atualmente, a Ciência da Informação discute sobre sua “condição” e visibilidade como “ciência” por outros campos do conhecimento e aponta seu lugar de inserção nos limiares do conhecimento. Cremos que a atuação teórico-metodológica da Ciência da Informação vem crescendo de forma muita intensa nos últimos anos, pois seu objeto começou a ganhar força. Portanto, deve tratar suas bases teórico-metodológicas buscando conceitos em comum, para que possamos chegar não ao crivo de uma “ciência em construção”, mas de uma ciência consolidada de fato.

² Por modernidade, entendemos a chegada do sujeito a uma época que se contrapõe à tradição do saber homologado pelo não questionamento. Trata-se da descoberta de um novo mundo, do renascimento para uma vida fundada na sabedoria compartilhada e na abertura de investimentos para reposicionar o “homem moderno” na nova estrutura social da razão. (MEDEIROS *apud* SILVA, 2011, p. 30).

3 OS INTERSUJEITOS COGNOSCENTES DA INFORMAÇÃO: A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA INFORMAÇÃO SOB UM OLHAR DA CONSCIÊNCIA POSSÍVEL

Goldmann (1967) é um idealista considerado um dos grandes pensadores sobre as questões sociais, principalmente, por trazer uma nova versão para entendermos o conceito de grupo social. Assim, para esse autor, a consciência possível não se configura como “fato” em si mesmo, ao contrário, é uma construção teórica densa, que compreende pormenorizadamente os interesses sociais. Um dos conceitos mais emblemáticos do pensamento de Goldmann é o de “totalidade”, em que ele faz um paralelo essencial com a condição humana e que tem uma correlação teórica com o conceito de consciência. Portanto, “A consciência é imanente à evolução, ela, diferentemente do pensamento utópico, não está para além da evolução histórica real,” (GOLDMANN, 1967, p. 73). Na consciência possível, contextualizada pelo autor, o sujeito está em um véis indefinido das suas relações intersubjetivas, isto é, na consciência possível auferida pelo autor, o indivíduo pode compreender determinado problema. Assim, inspirados pelo conceito de consciência possível, na perspectiva de Goldmann (1967), buscamos aproximá-lo da Ciência da Informação.

As discussões anteriores sobre a ciência moderna nos fizeram chegar a esse prisma da consciência possível, um termo trazido por Goldmann e que Freire (2001) apresentou em sua tese defendida no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal do Rio de Janeiro/ECO.

Na ciência moderna, a problematização girava em torno das racionalidades dos “intersujeitos”. Já na consciência possível, a questão está relacionada à consciência e à sua mudança pautada no homem em seu processo de modificação.

Na perspectiva da consciência possível o problema não é saber o que pensa um grupo [um receptor de mensagens] mais quais são as mudanças suscetíveis de serem produzidas em sua consciência, sem que haja modificação na natureza essencial do grupo. (FREIRE, 2001, p. 71-72).

Assim, notamos que, por mais que os conceitos estejam separados pelos processos de historicidade, a ciência moderna e a consciência possível, os dois termos têm uma confluência com a realidade desses “intersujeitos/usuários” no contexto da Ciência da Informação. Dessa forma, os conjuntos das teias relacionais aparecem, de forma interessante, onde os indivíduos irão estabelecer encadeamentos como grupo social e identificar uma visão de si e do próprio mundo racionalizado e compreensivo da própria estrutura social.

Pois o homem se define por suas possibilidades, por sua tendência para a comunidade com outros homens e para o equilíbrio com a natureza. A comunidade autêntica e a verdade universal exprimem essas possibilidades por *longuíssimo período da história*; a “classe para si” (oposta à classe em si), o máximo da consciência possível, exprimem possibilidades no plano de pensamento e da ação numa estrutura social dada. (GOLDMANN, 1967 *apud* FREIRE, 2001, p. 72, grifo da autora).

Freire (2001) começa a identificar esses traços da estrutura social através da consciência possível, em que o homem delimita suas possibilidades no grupo em que está inserido na comunidade. No caso da Ciência da Informação, a relação é entre os receptores da informação no processo de transmissão.

Goldmann ressalta que as classes são os únicos grupos cujas escalas de valores são específicas, porque cada uma delas visa um ideal diferente de organização social de

conjunto, de forma que até colaborações que possam surgir entre classes não podem ser mais do que um meio provisório e temporário para atingir fins essencialmente diferentes. Isso permitiria a vinculação seja na sociedade medieval ou na sociedade moderna, das visões do mundo às classes sociais que possuem um ideal visando o conjunto da humanidade e não apenas seus interesses imediatos como classes. (GOLDMANN, 1967 *apud* FREIRE, 2001, p. 72).

A relação da sociedade moderna com a consciência possível pode ser representada por uma visão social do mundo e suas configurações epistemológicas e filosóficas que foram sendo modificadas ao longo do tempo, ou seja, o da racionalidade e o da consciência de si e do outro, o mundo da ciência moderna representado pelo sujeito cognoscente e racional e o da consciência possível interligado com aspectos do social e das confluências indiciárias desse homem. A ciência moderna procurava desprender-se da ligação com os dogmas e da fé, visando a uma “independência do saber” que era restrito e condicionado. Assim, no contexto da Ciência da Informação, a consciência possível quer se desvincular de uma forma estática e esquemática da informação, procurando estabelecer vínculos com o estudo da vida social de uma comunidade e a relação entre transmissor e receptor de mensagens, isto é, as teias informacionais.

De acordo com Freire (2001), a consciência possível propõe uma modificação nas estruturas da consciência na relação entre os indivíduos e as outras realidades da própria sociedade, para entender a essência do grupo, no entanto, essa ligação apontada pela autora não está clara.

Goldmann ressalta que as classes são os únicos grupos cujas escalas de valores são específicas, porque cada uma delas visa um ideal diferente de organização social de conjunto, de forma que até colaborações que possam surgir entre classes não podem ser mais do que um meio provisório e temporário para atingir fins essencialmente diferentes (FREIRE, 2001, p. 72).

Logo, a consciência possível possibilita pensar nas visões de mundo, e esses olhares estão dentro da própria Ciência da Informação nas expressões dos *intersujeitos/usuários* que pensam sobre a realidade de sua comunidade, ou seja, a consciência que se forma dentro do contexto da Ciência da Informação individualizada ou coletiva.

Ao falar de expressão de uma consciência coletiva, Goldmann faz uma ressalva: *um comportamento ou uma obra só se tornam expressão da consciência coletiva, à medida que a estrutura que exprimem não seja particular ao seu autor, mas, sim, comum aos diferentes membros constituinte do grupo social.* (FREIRE, 2001, p. 73, grifo nosso).

Ressalte-se, contudo, que a relação da consciência possível com a Ciência da Informação propõe um novo olhar na relação com o *intersujeito/usuário* e sua comunidade. A Ciência da Informação, cujo pilar imediato de estudo é a informação, possibilita que pensemos sobre a consciência possível no viés da função societal da informação e sua responsabilidade coletiva, que interliga o *intersujeito/usuário* não de forma individualizada, mas com uma consciência coletiva, no que diz respeito à informação, pois, quando organizamos, estamos, de forma inconsciente, tornando-a acessível, ou seja, propiciando uma base de responsabilidade social da informação.

A discussão com a consciência possível traz um novo sentido no contexto da Ciência da Informação. É importante compreender essa relação, porque um dos escopos principais

da Ciência da Informação - a informação - é representado pelas unidades informacionais, como os arquivos, as bibliotecas, os museus e os centros de documentação. Nesse sentido, Freire (2001) adentra essa realidade dialética da consciência possível com a Ciência da Informação pensando nos *cognoscentes/informacionais*, em uma teia congruente e possível sob a égide da função social da informação no contexto da Ciência da Informação.

Wersig propõe para a Ciência da Informação uma estratégia metodológica que envolva a interação com construtos e modelos e outras áreas científicas. Adotando seu modelo de rede conceitual como um tear metodológico, trabalhamos as formas de expressão do conhecimento científico enquanto estruturas que transformam e são transformadas, no processo de produção e comunicação social. Para Wersig, esse conhecimento tem se transformado historicamente, mas sempre no sentido de representar alguma informação que apoie uma ação dentro de uma situação específica, diminuindo a incerteza sobre o comportamento do sistema em sua interação com o meio ambiente. (FREIRE, 2001, p. 106).

Essa ênfase articulada entre a Ciência da Informação e a consciência possível é permeada pelos *cognoscentes/informacionais*, em que a informação deve ser contextualizada para atender às demandas dos grupos sociais, o que é primordial nas relações humanas. A Ciência da Informação poderia ser pensada como mediadora nesse processo, porque, atualmente, desponta com uma importância social imprescindível otimizando a imersão conceitual dos grupos sociais, ou seja, formando *artifícios informacionais*.

Nesse contexto, a estrutura significativa de Goldmann se transmuta na estrutura significante de Barreto e a proposição de Wersig e Neveling pode ser vista tanto como evento da consciência possível no campo científico quanto como uma proposição para enredar a ação dos cientistas da informação numa visão de mundo socialista. Pois os autores foram além dos limites impostos pelo quadro teórico original, quando reconhecem que *a necessidade de informação permeia todos os grupos sociais* e não somente aqueles diretamente ligados à produção de bens e serviços. (FREIRE, 2001, p. 106, grifo nosso).

Assim, a informação deve representar uma ação entre os *intersujeitos/usuários* em um contexto específico para facilitar a comunicação em uma esfera social e de conhecimento. A consciência possível propõe uma remodelagem no cenário da Ciência da Informação. Isso significa que a informação que interessa a esta área de conhecimento tem um caráter social e interacionista entre vários grupos sociais, pois esta é híbrida e social.

Portanto, esses círculos informacionais são marcados pela força de transformação que a informação tem na sociedade, que leva o cientista da informação a um nível de responsabilidade social na oportuna afinidade e no trato com a informação e com o outro. Logo, no âmbito da Ciência da Informação, a consciência possível precisa ser mais contextualizada, problematizada e difundida.

4 DO “EU PENSO” DA MODERNIDADE AOS “SPIES” DA CONSCIÊNCIA POSSÍVEL: A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COM OS REGIMES DE INFORMAÇÃO

Essa articulação conceitual da ciência moderna com a consciência possível se tornou fundamental para entendermos o contexto de responsabilidade social da Ciência da Informação em seu processo de expansão, em que o cerne da *informação* desempenha um papel importante na contemporaneidade. Diante disso, frente às constatações mais amplas sobre o conceito de regime de informação, não se resume a tratá-lo aprioristicamente. Desse mo-

do, baseado em González de Gómez (2012), os domínios do regime de informação na Ciência da Informação estão mais no âmbito da articulação com o “poder” ou da obviedade das políticas de informação.

Sendo assim, por regime de informação entendemos como ligado aos dispositivos de desconstrução, isto é, um regime informacional que não se refere exclusivamente à maneira ou ao modo específico da informação em ambientes de poderes como uma biblioteca ou arquivo, mas os regimes de informação se constituem como um aparato de visibilidade, trata-se de constituir as formas de enunciação desses regimes no contexto das políticas de informação. Assim, os regimes de informação são aqueles que “dizem” sobre a disposição estratégica das práticas discursivas das políticas informacionais, isto é, são linhas que fixam os jogos de poder, mostrando as relações de força no processo informacional.

Doravante, podemos dizer que os regimes de informação no âmbito da Ciência da Informação instauram-se por meio de causa-efeito que são recompostas nas esferas do poder das políticas informacionais. Logo, um regime de informação pode ser visto como um domínio a ser conhecido socialmente. A rigor, os regimes de informação são frutos das relações de poderes, ou seja, as características primeiras dos regimes de informação (incitar, fazer, ver) estão ligadas ao poder, mormente, porque um regime informacional produz agenciamentos em função das práticas informacionais.

Desde sua origem, a Ciência da Informação tinha um vínculo com o social, no entanto, essa ligação não era alastrada como deveria ser. A responsabilidade social da informação envolve um conjunto de ações adotadas pelo profissional da informação em benefício da sociedade. Isso significa que, quando esse profissional faz seu trabalho respeitando os preceitos da ética, ele coopera para que tenhamos uma sociedade mais justa, igualitária e solidária. Assim, a responsabilidade social da informação é uma estratégia de política informacional, como, por exemplo, tratar com dignidade e fornecer a informação ao usuário e contribuir, de forma eficaz, para organizar a informação nas unidades.

A sociedade contemporânea vem passando por questões políticas e sociais conflitantes em seu cenário de socialidade. Essas mudanças são estruturais e obrigam o profissional da informação a reavaliar sua formação, mormente, o que está fazendo para melhorar a vida do cidadão. Portanto, a responsabilidade social da informação configura-se como um conjunto de transformação política e social. Assim, é necessário perfazer o sentido social da Ciência da Informação, para que possamos pensar nos *intersujeitos/usuários* da informação. Na literatura que trata da Ciência da Informação, alguns autores acreditam que essa abordagem “epistemológica social”, no cenário da Ciência da Informação, iniciou-se com Shera (1975).

A nova disciplina que aqui focalizamos (e a qual por falta de melhor nome chamamos de epistemologia social) que deveria fornecer uma estrutura para a investigação eficiente de todo complexo problema dos processos intelectuais das sociedades, um estado pelo qual a sociedade como um todo procura uma relação perceptiva com seu ambiente total. *Levantaria o estudo intelectual a partir do escrutínio do indivíduo para uma pesquisa sobre os meios pelos quais uma sociedade, uma nação ou cultura alcança a compreensão da totalidade dos estímulos que atuam sobre ela. O foco dessa nova disciplina seria a produção, fluxo, integração e consumo de todas as formas de pensamento comunicado através de todo modelo social. De tal disciplina poderia emergir um corpo de conhecimentos e uma nova síntese da interação entre conhecimento e atividade social.* (SHERA, 1977, p. 10, grifo nosso).

Sendo assim, a Ciência da Informação não pode ser dissociada desse viés com o meio social, na relação entre sociedade e indivíduo, aqui denominados de *cognoscentes informacionais ou intersujeitos/usuários*. Capurro (2003) traz algo que é muito atenuado na Ciência da Informação - seu trilema ou tríade epistemológica.

As relações entre epistemologia e Ciência da Informação têm uma complexa história, que não é possível aqui mostrar numa visão detalhada. Naturalmente que essa seleção e esquematização (paradigmas físico, cognitivo e social), não só simplificam de forma extrema a complexidade das proposições, como podem dar lugar a um mal-entendido, considerando a presente exposição como avanço histórico, posto que muitas teorias se entrecruzam com distintas intensidades e em diversos períodos. (CAPURRO, 2003).

Capurro (2003) menciona esse aspecto do paradigma social dentro da Ciência da Informação, para mostrar os traços e a influência que a Ciência da Informação sofrerá das ciências sociais, através dos feitos terminológicos e conceituais que perfazem a esquematização social da informação. Por isso, é oportuno apontar essa mudança pela qual a Ciência da Informação vem passando nas últimas décadas, principalmente, por trazer em seu escopo o perfil sociológico e qualitativo do “eu” em relação ao outro com um viés informacional.

É nesse enredo que a consciência possível adentra o universo da Ciência da informação, quando passamos a pensar na comunicabilidade do grupo, em seus arranjos e em seus contornos relacionados com os *intersujeitos/usuários ou cognoscentes/informacionais* receptores e recebedores de mensagens, formulando um olhar informacional da comunidade onde ele está inserido.

Esse mesmo autor classifica a sociedade atual como uma sociedade com forte indício de troca de mensagem e que, no cenário da Ciência da Informação, tem uma vertente em comunicabilidade. De todo modo, é relevante compreender esse caráter social da informação ou da sociedade informacional.

O termo sociedade da informação enfatiza o papel da informação na sociedade. Mas afirmo que informação, em seu sentido mais amplo, por exemplo, como comunicação de conhecimentos, foi crucial a todas as sociedades, inclusive à Europa medieval que era culturalmente estruturada e, até certo ponto, unificada pelo escolasticismo, ou seja, no geral uma infraestrutura intelectual. Ao contrário, *o termo informacional indica o atributo de uma forma específica de organização social* em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico. (CASTELLS, 2002, p. 64, grifo nosso).

Castells (2002) também traz o perfil social da informação que poderíamos interligar com a Ciência da Informação e com a consciência possível relacionando com a organização social do grupo. Freire (1995, p. 6) enuncia que,

No processo de comunicação, a informação contida em um texto organizado para transformar as estruturas informacionais de um receptor inter-age com essas estruturas no sentido fazê-lo compreender, de forma coerente e adequada, a mensagem que lhe está sendo enviada. Recebendo a mensagem e apreendendo o máximo possível do seu sentido original, o receptor re-age a essa informação transformando sua estrutura de conhecimento e organizando sua própria informação com o objetivo de promover mudanças nas estruturas informacionais do antigo emissor/novo receptor, re-alimentando o processo de comunicação. E, na perspectiva da transferência da informação enquanto processo de comunicação humana, assim

como ocorre nos indivíduos ocorre também com as sociedades, sejam elas neolíticas ou pós-modernas.

Nessa perspectiva, ao inferir conceitos complexos, como o da ciência moderna e o da consciência possível, estamos focando nos *intersujeitos/usuários* da informação, porque, com a ciência moderna, o sujeito ganha outra remodelagem, outro olhar sobre si mesmo e passa a compreender que o “social”, que foi homologado de fato, nos séculos XIX e XX, tem suas bases a partir dessa racionalidade representada pelo “eu penso”. Portanto, ao adentrar a consciência possível de Goldmann (1967), que é discutida por Freire (2001), marcamos essa relação com a ciência moderna, ou seja, o próprio homem irá ser definido por suas bases e tendências na interação com o outro, e essa premissa é encontrada na *consciência possível*.

Destarte, a consciência possível perfaz uma nova visão do mundo a partir dos fatos sociais e das expressões instigadas pelo homem e pela classe social da qual ele faz parte. Goldmann (1967, *apud* FREIRE, 1995, p. 8) esclarece que

A vida da sociedade não constitui um todo homogêneo; compõem-se de grupos sociais parciais em meio aos quais as relações múltiplas e complexas. De uma maneira bastante esquemática e global, poderíamos defini-las como um conjunto de conflitos e colaborações.

Ressalte-se, entretanto, que é preciso perceber essa nuance da consciência possível no cenário da Ciência da Informação, pois podemos compreender os fenômenos ligados aos canais de comunicação dos grupos.

Para Goldmann, como formas de expressão numa dada visão do mundo, as obras filosóficas, literárias e artísticas e pode-se acrescentar as científicas, têm um valor especial para as ciências que estudam as relações e a comunicação humanas, porque aí se aproximam do máximo da consciência possível daqueles grupos ou classes sociais privilegiados, cuja mentalidade, pensamento e comportamento são orientados no sentido de uma visão global do mundo. Nessa perspectiva, o nível de aproximação da realidade tem como estrutura significativa interna, estará tentando compreender a própria obra; se tentar abordá-la como estrutura parcial em uma estrutura maior, estará compreendendo o movimento da sociedade no qual a obra estudada se insere, ampliando sua compreensão sobre a própria obra; mas se inserir esse movimento, no qual se inclui a obra estudada, na estrutura global da classe social à qual pertence o autor, ele finalmente compreenderá a história dessa classe e poderá explicar a gênese do movimento e o conjunto de processos sociais que a obra expressa através de sua forma característica, aproximando-se do máximo da consciência possível e das reais possibilidades de comunicação e transferências de informações na sociedade. (FREIRE, 1995, p. 9).

Ao fazer essa relação, pretendemos mostrar o caráter social da informação, no contexto da Ciência da Informação, a partir de um “*spie*” possível. Não podemos negar que, na contemporaneidade, a Ciência da Informação tem essa característica societal, principalmente, na organização e na disseminação da informação interligada com o *intersujeito/usuário ou os cognoscentess/informacionais*. Desse ponto de vista, o cientista da informação tem que estar atento a essa característica fundamental da Ciência da Informação, que é seu lado de responsabilidade social de pensar no outro em diferentes contextos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte conceitual entre ciência moderna e consciência possível foi imprescindível para esta pesquisa, principalmente para entendermos os *intersujeitos/usuários ou cognoscentes/informacionais*. No campo atual das ciências, muitos afirmam que, como metodologia, a ciência moderna já está ultrapassada e em desuso. No entanto, partimos do princípio de que essa afirmação ainda não é totalmente verdadeira, pois as práticas que se utilizam articulam-se dos meios da ciência moderna.

Nesse sentido, este ensaio pretendeu mostrar que, através das racionalidades, os *cognoscentes/informacionais* têm outras características no meio social e na relação com o outro. Assim, a Ciência da Informação ainda hoje luta por um objeto comum que se aproxime *do como* da ciência moderna.

Assim, pensar em uma Ciência da Informação com um aspecto social é admitir que a responsabilidade da informação é inerente à área, logo, não pode ser dissociada de seu entremeio, de sua finalidade e de seu ponto em comum. De todo modo, recorreremos ao conceito de consciência possível idealizado por Goldmann (1967), a partir da inferência feita por Freire (2001), para compreender esse sinal social da Ciência da Informação e perceber as interações, as articulações e os diálogos entre os intersujeitos informacionais do campo.

Essa questão social, cujo primeiro enredo foi com Shera (1975) e ganhou outro rumo com Capurro (2003), principalmente com o paradigma social, traz outra forma de pensar e de abordar o campo da Ciência da Informação. Os meios sociais estão presentes em diversas áreas do conhecimento, no entanto, entendemos que, na Ciência da Informação, esse meio tem um contorno importantíssimo com a responsabilidade social da informação.

Na atualidade, no âmbito da Ciência da Informação, crescem as discussões sobre o caráter social da informação, e isso é extraordinário para a área que trabalha com *cognoscentes/informacionais* e com *intersujeitos/usuários* na relação com a informação. Não podemos dissociar o caráter social da Ciência da Informação do que ela representa para os contornos da sociedade na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ciência da informação, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte, UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, I. M. **A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Rio de Janeiro: Convênio CNPq/IBICT – UFRJ/ECO, 2001.

FREIRE, I. M. Informação; consciência possível; campo: um exercício com construtos teóricos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p.133-142, jan./abr. 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/619/621>. Acesso em: 20 dez. 2019.

GOLDMANN, L. **Origem da dialética**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, v. 22, n.3, p. 217-222, set./dez. 1993. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/479/479>. Acesso em: 20 dez. 2019.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/14376/8576>. Acesso em: 20 dez. 2019.

HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983. Metuchen: Scarecrow, 1975. p. 167-175.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1988. 92p.

SHERA, J. H. Bibliographic management. In: BERI, V. (Ed.). **Essays on bibliography**. Metuchen: Scarecrow, 1975. p. 167-175.

SILVA, J. L. C.; FEIRE, G. H. A. Os indícios da ciência moderna aplicados à Ciência da Informação: algumas considerações. **Informação & informação**, Londrina, v. 18, n. 3, p. 98-113, set./dez. 2013. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/download/13709/pdf_7. Acesso em: 20 dez. 2019.

SILVA, L. E. F. **Ciência como técnica ou técnica como ciência**: nas trilhas da Arquivologia e seu *status* de cientificidade. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ZAMBIASI, J. L. Do racional-positivismo ao construcionismo científico. In: MARINI, P. M. **Ensino de Ciências**: pesquisas e reflexões. Ribeirão Preto: Holos, 2006. p. 68-83.